

Não é tarefa fácil escrever sobre a instituição em que trabalho, na qual cotidianamente convivo com alunos, professores e outros funcionários, tendo em vista a impossibilidade de distanciamento entre o sujeito e o objeto. Além disso, é ainda mais difícil quando o assunto é missão institucional, pois, esta reflete um discurso fundante, algo que explicita o sentido da própria existência de uma organização. Pensar a missão é, sem dúvida, se aproximar de princípios, valores fundamentais e práticas desenvolvidas na UCB.

Assim, é que tendo sido convidado a desenvolver uma atividade sobre a missão institucional, junto com todo o pessoal vinculado à PROEx: Pró-Reitoria de Extensão/UCB, optei por uma metodologia participativa, no formato de OFICINA¹, de modo que todos pudessem externar seu modo de ver a instituição, bem como sua avaliação acerca da concretização na realidade acadêmica, do ideal proposto na missão institucional.

Nas anotações que seguem abaixo, traço um breve histórico da UCB e da perspectiva cristã presente no âmbito das universidades católicas em geral. Depois, sinalizo com a história da universidade, claramente mergulhada no mundo medieval e nas intrincadas relações entre igreja e Estado.

Na parte seguinte do artigo, transcrevo as principais afirmações surgidas no decorrer da OFICINA realizada e procuro sistematizar alguns dados. É evidente que este “resumo” é bem menos do que na realidade ocorreu mas, a meu ver, pode oferecer pistas interessantes para a reflexão que nos propusemos realizar.

Por fim, ao invés de consolidarmos uma conclusão, optamos por abordar alguns dos desafios latentes na fala dos participantes da OFICINA e que, a nosso ver, aparecem como contribuições à construção do espírito universitário nesta instituição.

A inspiração cristã e a missão institucional da UCB

*William César de Andrade**

As universidades de inspiração cristã

A UCB é uma universidade com sete anos de existência, mas a participação da UBEC – União Brasileira de Educação e Cultura, no ensino superior em Brasília, data do início de 1974, quando então implantou-se a Faculdade Católica de Ciências Humanas (FCCH). Desde o começo, a Católica traz a marca de um coletivo – Lassalistas, Maristas, Salesianos, Salesianas e Estigmatinos – que passam a refletir sobre o ensino superior no Distrito Federal e a contribuição dos cristãos neste campo.²

Numa leitura sobre a origem da UCB, presente no Documento de Fundamentação da DPP (2002: 9), encontramos um pouco de narrativa sobre as origens:

Entre as reflexões feitas pelo grupo de diretores de colégios fundadores da UBEC, entendeu-se que não poderia haver educação cristã se a preocupação de educar ficasse secretamente substituída pela preocupação com as obras e com a instituição mantida, e em guardar, como algo sagrado, o carisma do fundador de cada Congregação. Era preciso disponibilizá-lo, colocá-lo em comum...a união de todos eles em uma obra de atividades conjuntas em nome da Igreja.

Na década de 1970 a UnB – Universidade de Brasília distanciou-se da inspiração que a originara, a ditadura militar tentou – e obteve um êxito razoável – reduzir o projeto implantado por Darcy Ribeiro. Desse modo, silenciaram-se os alunos, foram criados instrumentos anti-democráticos de gestão universitária, e o grande sonho de integração entre as atividades da universidade e a comunidade foram relegados ao esquecimento.

* Professor de Antropologia da Religião e pesquisador no programa Memória e Caminhada das CEBs/PrPGP.

¹ Detalho no item 4 deste artigo, como aconteceu a oficina e registro aspectos que pareceram mais importantes no desenvolvimento da atividade.

² O documento de fundamentação da DPP: **Universidade em pastoral**. Univera. Brasília. 2002; explicita no item 2: “A atualidade dos carismas inspiradores”, um breve histórico dos fundadores das congregações que se associaram na fundação da UBEC, e conseqüente criação da UCB.

Nessa mesma década, surgem o CEUB (hoje UNICEUB), a UDF, a UPIS e a Faculdade Católica de Ciências Humanas. Em todas estas instituições procurava-se atender principalmente aos alunos que trabalhavam durante o dia todo (a UnB não funcionava à noite), e alguns efetivamente haviam sido reprovados no vestibular da universidade pública. No conjunto das universidades privadas, naquela época, a Faculdade Católica foi a única a propor uma inspiração cristã para suas atividades de ensino superior, e a praticamente reinvestir totalmente o que arrecadava com as mensalidades no próprio campus e na melhoria de sua infra-estrutura.

Desde as origens, a UCB é, portanto, uma instituição marcada por inspiração cristã, de tal modo que ela quer privilegiar: "...a catolicidade como abertura ao diálogo; a cidadania como compromisso de integração social; a competência em todo seu agir".³ Esta afirmação programática traduz uma intencionalidade da mantenedora (a UBEC), e ao mesmo tempo, projeta sobre cada segmento da universidade o anseio de que esta mística se faça presente e possa produzir respostas que efetivem o ideal proposto.

O Papa João Paulo II afirma que como essência das universidades e outras instituições de ensino superior:

Uma inspiração cristã não só dos indivíduos, mas também da comunidade universitária...uma reflexão incessante, à luz da fé católica, sobre o tesouro crescente do conhecimento humano...a fidelidade à mensagem cristã tal como é apresentada pela Igreja...o empenho institucional para servir o povo de Deus e a família humana no seu itinerário rumo àquele objetivo transcendente que dá significado à vida.⁴

Ao afirmar que a universidade católica é de inspiração cristã, assumo uma perspec-

tiva em que esta instituição, mesmo estando inserida no contexto da pastoral católica, deve nortear sua atuação no campo do conhecimento de modo a assegurar um mínimo de autonomia. Numa universidade com este perfil, a produção e circulação do conhecimento – extensão, ensino e pesquisa, devem conservar uma relativa autonomia frente aos interesses do mercado e de qualquer lógica que impeça a realização humana ou venha a estabelecer exclusões.



³ Idem. P. 21

⁴ JOÃO PAULO II. **Universidades Católicas**. 3. ed. Paulinas. São Paulo. P. 14.

Compartilho das inquietações de Roca, quanto ao papel que a educação desempenha num contexto social de exclusão:

O compromisso com a exclusão exige recriar o papel da educação em várias direções convergentes...a centralidade da vida para todos; a vida digna se transforma no eixo da nova cultura pedagógica, que pode ser alternativa aos processos de exclusão do capitalismo selvagem.⁵

Uma universidade católica também tem o compromisso de debater sobre a autonomia, mas ela não pode ser vista como um absoluto em si, ela é uma construção social, onde a especificidade do grupo gestor da universidade, isto é, sua inspiração cristã será manifestada na medida em que a instituição seja uma referência em pesquisas e atividades extensivas que propiciem qualidade de vida e desenvolvimento sustentável, onde existam alternativas de acesso ao ensino superior que possibilitem aos segmentos mais marginalizados da sociedade uma perspectiva de crescimento.

Nesse sentido, não existe autonomia universitária como algo acabado, estamos sempre diante de um processo, onde as demandas da Igreja (instituição mantenedora) deverá assumir atitudes dialogantes com a sociedade em geral, bem como com o Estado. A “utopia” da autonomia também deverá ser experienciada na relação com a comunidade acadêmica: alunos, funcionários e professores, o que implica na ampliação e/ou criação de fóruns e outros espaços democráticos, tanto em nível de participação no processo decisório da instituição, como na elaboração de planos, ações e metas da UCB.

Assim, nos distanciamos da posição adotada por Alvin, ao afirmar a confessionalidade como algo básico às universidades nascidas no contexto religioso. Para ele:

É Jesus Cristo e o Reino que têm de ser confessados. Confessionalidade é a proclamação

da fé, da crença em Deus. Fé não é só palavra, é ato. É agindo que se proclama. Essa confessionalidade é parte essencial do cristão, do seu ser, e, portanto, está presente onde ele estiver, inclusive na escola, na educação, mesmo que se apresente de diferentes maneiras e que dependa de cada situação.⁶

Acredito que João Paulo II oferece pistas interessantes, em que a inspiração cristã possibilita um espaço, maior do que aquele que se possa perceber na noção de confessionalidade, e aponta para ações concretas no âmbito da universidade:

com efeito, a nossa época tem necessidade urgente dessa forma de serviço abnegado, que é proclamar o sentido da verdade, valor fundamental sem o qual se extinguem a liberdade, a justiça e a dignidade do homem. Em prol de uma espécie de humanismo universal, a universidade católica dedica-se, totalmente, à investigação de todos os aspectos da verdade, no seu nexos essencial com a Verdade suprema, que é Deus.⁷

No Brasil, as universidades católicas⁸ estão inseridas num conjunto maior, isto é, as universidades particulares, que a partir de sua organização e finalidades são consideradas como comunitárias e filantrópicas. No entender de Alvim:

...a caracterização de uma ou outra não é pacífica, pois guardam algumas semelhanças. Tem suscitado polêmica, sobretudo porque a inclusão nessas categorias interfere diretamente na divisão das minguadas verbas orçamentárias, que o governo federal, amparado pela Constituição, pode distribuir às universidades desse tipo.⁹

No entender de Ribeiro

a universidade comunitária é aquela que se caracteriza como “pública” e “não-governamental”, prestando serviço à comunidade sem visar a qualquer benefício financeiro para si ou para quem quer que seja. Sua grande con-

⁵ ROCA, Joaquín García. **A educação cristã no terceiro milênio – o que é, como se faz**. Loyola. São Paulo. 1999. P. 34

⁶ ALVIM, Gustavo. **Autonomia universitária e confessionalidade**. 2. ed. UNIMEP. Piracicaba. 1995. P. 76.

⁷ JOÃO PAULO II. **Universidades católicas**. 3. ed. Paulinas. São Paulo. 2000. P. 8

⁸ RIBEIRO, Gil Barreto. A Igreja na história das universidades. In: **Fragmentos de Cultura**. V. 10, nº 1. Janeiro/fevereiro/2000. Goiânia. Um dado histórico apontado pelo autor: “No Brasil, a Universidade Católica do Rio de Janeiro foi a primeira a ser fundada, em 1947, na própria cidade do Rio. Daí para a frente, muitas outras foram surgindo, ao ponto de hoje já existirem 18 Universidades Católicas do Brasil” p. 40

⁹ ALVIM, Gustavo. **Autonomia universitária e confessionalidade**. P. 64.

tribuição à sociedade é a ação educacional, divulgando a ciência, o saber científico, como papel complementador ou dever do Estado. É pública, mas não é estatal, por ser de regime jurídico privado e por não ser sustentada financeiramente pelo poder público, embora possa, pela Constituição vigente, receber auxílio de recursos públicos.¹⁰

A inspiração cristã, independentemente da “classificação burocrática” proposta pelo Estado, situa a UCB no campo das universidades comunitárias. Nesse sentido, ela deverá ter entre suas prioridades a aproximação do ensino, da pesquisa e da extensão daquilo que, a meu ver, seria específico da práxis cristã: o amor e o serviço aos pobres. Em qualquer universidade há elaboração e/ou circulação de conhecimentos, entretanto, em uma universidade católica, este fato deverá refletir, propor alternativas que superem a exclusão e marginalização da maioria da população.

Universidade: no princípio uma pastoral da Igreja católica

Data do século XII a organização das primeiras universidades na Europa, e todas foram criadas por iniciativa da Igreja católica.¹¹ Nessa época, o ensino era visto como algo inerente à elite, formada pela nobreza e o alto clero – somente os homens freqüentavam as universidades, e a metodologia das aulas valorizava a oratória e a erudição. Era um ensino voltado para a filosofia e a teologia, e os escritos de Santo Agostinho e de outros “doutores da Igreja” estão no centro dos debates. Assim, no início das universidades havia uma aproximação entre produção do conhecimento e vivência religiosa.

É claro que o chamado renascimento comercial e urbano, ao longo dos séculos XII e XIII, trará inúmeras conseqüências para a relação entre Estado e Igreja, e efetivamente, o surgimento dos estados nacionais marcará o princípio de uma crise – que atinge seu auge na Revolução Francesa (séc. XVIII). Progressivamente,

os estados nacionais irão buscar autonomia, e quando possível, sujeitar a própria Igreja católica aos seus interesses.

No doloroso processo de divisão do cristianismo, experimentado pelas comunidades como afirmação da ortodoxia (contra-reforma), e busca de mudanças (Reforma), as universidades desempenham um papel secundário, em um primeiro momento, pois o número de alunos é reduzido, o humanismo estava no começo (e supunha o domínio do latim e em alguns casos do grego), e o debate metafísico estava efetivamente distante do dia-a-dia da população em geral.

Contudo, devido a alguns fatores, tais como: a rápida difusão de textos impressos, facilitada pelos aperfeiçoamentos introduzidos por Guttemberg nas prensas móveis, o surgimento de jornais e folhetins diversos escritos em língua corrente, e a expansão da burguesia como segmento social e poderio econômico, ampliam o público leitor, e, principalmente, nos países e regiões onde a reforma protestante triunfou, as universidades passaram a desempenhar um papel central da difusão de idéias e valores contrastantes com o ideário católico romano.

Ullmann, indica alguns aspectos que diferenciavam as universidades no período do renascimento em relação a suas origens no medievo, tendo em vista:

inovações ideológicas e de transformações sociais, políticas e religiosas. Antes, autônomas; agora, em virtude do espírito nacionalista, as universidades são órgãos do Estado e por ele controlados. Ademais, um novo caráter foi impresso nos studia, com a eclosão do humanismo.¹²

O Concílio de Trento, ao seu término, adota uma postura rígida frente ao humanismo, reforça o centralismo romano e implanta medidas restauradoras da disciplina interna, tais como a abertura de seminários, a moralização do clero, a valorização de uma espiritualidade rigorista. O controle das idéias e da produção

¹⁰ RIBEIRO, Gil Barreto. Universidades católicas: história/identidade/realidade. In: **Fragmentos de Cultura**, v. 8, nº 2, março/abril/1988. P. 295

¹¹ ULLMANN, Reinhold Aloysio. **A Universidade Medieval**. 2. ed. EDIPUCRS. Porto Alegre. 2000. O autor indica quatro tipos de escolas que estão na origem das universidades medievais: “1) monacais; 2) presbiterais; 3) episcopais; 4) palatinas.” P. 32

¹² Idem. P. 442

do conhecimento atinge em cheio as universidades, e a Santa Inquisição chegará a julgar e condenar alguns professores/teólogos à morte na fogueira.

Os jesuítas, principal congregação a desenvolver uma pastoral no âmbito do ensino ao longo dos séculos XVI a XIX, procuraram por meio da *Ratio Studiorum*, implantar uma educação centrada na disciplina, no aprendizado de conhecimentos que estivessem em sintonia com os ensinamentos católicos, mas que também, pudessem servir ao diálogo com a racionalidade trazida pela modernidade.¹³

Não devemos idealizar essa tentativa de contato com as diversas formas de racionalidade elaboradas a partir do século XVI, pois a implantação de instrumentos como o INDEX e o Sílabus, dificilmente permitiam que as universidades vinculadas ao catolicismo tivessem uma perspectiva crítica ou autônoma frente aos interesses da Igreja e sua permanente oposição à Reforma e seus frutos no campo do conhecimento.

Entretanto, as universidades seguem elaborando conhecimento, e é grande o desenvolvimento científico nos séculos XVIII e XIX. Lampert, detalha sua perspectiva quanto ao desenvolvimento das ciências, e suas afirmações, a meu ver, podem ser relacionadas com o crescimento das universidades, e seu distanciamento da Igreja católica :

as causas do desenvolvimento das ciências no final do século XVIII e a primeira metade do século XX, entre outras, são a aplicação rigorosa do método de observação e experimentação; a criação de bibliotecas, museus, laboratórios e institutos científicos especializados, a concentração de estudos e pesquisas especializados; aumento do número de investigadores e escolas superiores; proteção e estímulo concedidos às investigações dos progressos científicos em todos os segmentos sociais; contato e colaboração entre investigadores de todo o mundo por meio

de congressos, publicações etc.¹⁴

Já no início do século XX, nas aplicações do processo de romanização, as universidades voltam a ser tema em termos de pastoral eclesiástica. De fato, mesmo em países com maioria católica, as universidades, em geral, reproduzem as idéias e valores acerca da produção do conhecimento, no âmbito de uma racionalidade cada vez mais desvinculada da metafísica ou de qualquer compromisso com as “velhas” discussões tomistas. No final do século XIX, a racionalidade trazida pela modernidade torna-se de fato hegemônica, e mesmo instituições eclesiásticas experimentam conflitos no seu cotidiano acadêmico.

Missão¹⁵ e universidade: um olhar a partir da PROEx

No início de 2002, seguindo uma programação estabelecida na PROEx – Pró-Reitoria de Extensão, desenvolvi uma oficina sobre missão e universidade. Metodologicamente optei por uma dinâmica envolvendo o conjunto de professores, alunos e funcionários que atuam na PROEx. A atividade foi desenvolvida em três momentos: a) resposta individual a três questões; b) trabalho de grupo – análise das respostas e construção do consenso; c) plenário e amarração dos principais pontos levantados.

Das questões propostas na oficina, trabalharemos duas que, a meu ver, situam o problema da missão na UCB:

- I. O que a sociedade espera da Universidade?
- II. O que a UCB, como universidade, oferece à sociedade?

O encontro aconteceu no Parque Nacional (Água Mineral) e contou com a participação de pouco mais de 60 pessoas, sendo que as atividades foram vivenciadas ao ar livre. O ambiente além de exuberante, também nos

¹³ CODINA, Gabriel. “A ‘Ratio Studiorum’ – quatrocentos anos (1599-1999) In: **Revista de Educação** CEAP ano VII nº 27. Salvador, dez/1999. Para este autor, a Ratio Studiorum objetivava: “Em resumo, conjugar piedade e letras é o resultado que se espera dos estudantes. O estudo das artes liberais em um colégio jesuíta não pode pretender outro fim que não seja o serviço e o amor a Deus e aos demais.” P. 75

¹⁴ LAMPERT, Ernâni. “A universidade e os novos paradigmas da ciência pós-moderna” In: **Revista de Educação Ciência e Cultura**. V. 5, nº 1. Canoas. Outono/2000. P. 53/4

¹⁵ Conforme o **Plano Estratégico 1999-2000** : “A Universidade Católica de Brasília tem como missão atuar solidária e efetivamente para o desenvolvimento integral da pessoa humana e da sociedade, por meio da geração e comunhão do saber, comprometida com a qualidade e os valores éticos e cristãos, na busca da verdade.” P. 29.

propiciou o encontro com a fauna e flora nativas. Enfim, o grupo estava bem à vontade, e as atividades propostas foram desenvolvidas com bastante empenho.

Penso que a reflexão sobre a missão institucional, não está restrita à PROEx, entretanto, esta pró-reitoria nos últimos anos ampliou significativamente seu quadro de pessoal, bem como seu campo de atuação. É no âmbito da PROEx que estão inseridas as disciplinas formativas: Ciências da Religião, Antropologia da Religião e Ética; também o acompanhamento pastoral dos alunos e funcionários que professam a fé católica; e finalmente, as atividades de cunho extensionista realizadas na UCB, e que em sua maioria estão destinadas à população de baixa renda, residente nas periferias do DF.

Abaixo, procuro resgatar as questões trabalhadas na oficina: Missão e Universidade, como também aponto algumas perspectivas de fundo teórico, e quando possível indico ações que poderiam ser experienciadas na UCB.

O que a sociedade espera da Universidade?

A maioria das respostas relacionou a Universidade à produção do conhecimento: universal, de boa qualidade, articulado com a tecnologia, formação intelectual, relacionando os âmbitos de ensino, pesquisa e extensão, crítico e criativo.

Os participantes, em geral, afirmaram que qualquer universidade (não apenas as confessionais e/ou comunitárias) devem ser centros produtores e difusores de conhecimento. Contudo, as respostas se diferenciam no que se refere à função social de uma universidade. É significativo o número de respostas que apresentam a qualificação profissional, tendo em vista o mercado, como a principal meta de uma universidade: “a universidade deve ser uma instituição geradora e formadora de profissionais competentes, qualificados, aptos para o mercado de trabalho”.



No plenário esta perspectiva foi debatida com veemência, considerando-se que a universidade não existe como abstração, de fato, ela é parte da sociedade, e reproduz as contradições e os conflitos existentes entre os diversos grupos de interesse. É nesse contexto que se afirmou o dilema vivido pelas universidades: qualificar profissionalmente para o mercado, no menor tempo e custos possíveis, mesmo que isto implique em redução ou ausência de outros conteúdos formativos.

Os membros da PROEx, em sua maioria, afirmaram que a universidade deve contribuir/participar na vida social:

Formando um indivíduo humanamente apto a atuar na sociedade, como cidadão solidário e responsável profissionalmente. Que o conhecimento possa ser revertido em benefício da sociedade, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico da região e/ou país. Que os universitários sejam cidadãos plenos, conscientes e críticos, que sejam promotores de vida com qualidade para todos.

Nessa perspectiva, as respostas refletem preocupações com o engajamento social da universidade, e a nosso ver, apontam para uma reflexão que é forte na PROEx, mas ainda minoritária na sociedade em geral. As respostas têm muito de utópico, chegando em alguns casos a enunciar como papel da universidade uma atuação marcada por valores, tais como: solidariedade, partilha, cooperação, compromisso com a vida, postura ética etc.

O desejo, proposta de uma formação integral e moldada em valores vistos como cristãos, é o contexto maior em que se inserem a perspectiva humanista descrita acima. Sendo que em diversas respostas encontramos um apelo claramente religioso; em algumas respostas encontramos:

que o ensino na universidade esteja voltado para os valores cristãos, para uma ética centrada no humanismo. Formando cidadãos críticos e solidários, preocupados com a paz e com os valores cristãos, enfatizando a preocupação com a exclusão social.

Ainda temos um número reduzido de respostas

(menos de 5) que situaram três situações que podem ser interpretadas como problemas e/ou contradições entre a realidade de uma universidade – e aqui as respostas voltam-se para a própria UCB – e a realidade desejada:

A UCB deveria ter “caridade” para com os alunos em atraso com as mensalidades, humanizando suas ações, bem como facilitando o acesso ao ensino superior aos menos favorecidos. Ainda foi observado que a UCB poderia ter um melhor atendimento na área pastoral-espiritual e psicológica.

Sintetizando as contribuições apresentadas, constatamos que, em grande parte das pessoas que participaram da oficina, há o desejo de uma universidade aberta à democracia, à plenitude de uma vida cidadã. O melhor “serviço” que uma universidade pode fazer à sociedade é ampliar o acesso ao conhecimento científico, concomitantemente dialogando com a sociedade civil, de forma a tornar o ensino, a pesquisa e a extensão, parte de uma rede de solidariedade e valorização de todos os segmentos sociais.

Além disso, percebo na PROEx a preocupação em tornar a UCB uma universidade que verdadeiramente esteja a serviço de toda a sociedade. Nesse sentido, é grande o apelo gerado nesta pro-reitoria para que a “missão institucional” seja de conhecimento e prática em todos os âmbitos da universidade. Por meio de sua “missão” a UCB é desafiada a superar a lógica do mercado e a perda de perspectivas humanistas e dos valores cristãos.

Enfim, tornar presente na realidade de hoje o projeto do “Reino de Deus” conforme menciona Degasperri ao referir-se a uma universidade em extensão:

Pesquisando, transmitindo saber ou realizando ações comunitárias, em função da MISSÃO/MANDATO, tem o dever de realizar o REINO DE DEUS. Não importa a densidade da fé pessoal, nem mesmo sua existência ou não...já é bastante que o pesquisador, o mestre ou o homem de comunidade se engaje vivencialmente nos propósitos da missão institucional e com ela comprometido, agindo como Bom Pastor, pesquise, ensine e articule os diferentes atores comunitários.¹⁶

¹⁶ DEGASPERI, José Romualdo. **Universidade em Extensão**. Mimeo. 2001. UCB. P. 4

O que a UCB, como universidade, oferece à sociedade?

Inicialmente, podemos afirmar que a “auto-estima” do grupo vai muito bem, pois, o conjunto das respostas reflete de modo favorável uma imagem da instituição. Muitas respostas afirmaram que a UCB oferece ensino superior de boa qualidade, possibilidades de crescimento acadêmico e várias pesquisas, programas e projetos de extensão. Assim, ela é uma instituição confiável, onde existe, inclusive, um ambiente em que é possível se fazer uma análise mais profunda da sociedade.

Estas afirmações complementam-se com outras afirmações elencadas pelos participantes do encontro: a UCB é uma universidade recente e, portanto, aberta e rica em possibilidades; existem ações significativas nos âmbitos do ensino, pesquisa e extensão, e isso indica que a UCB deseja contribuir para a vida social, articulando ações solidárias junto a grupos e/ou comunidades carentes de recursos. O nível dos cursos – e das competências específicas almejadas – é visto como de mediano a elevado, o que resulta em profissionais com boa aceitação no mercado de trabalho.

Algumas respostas, contudo, apontam para áreas de tensão, para aspectos em que o ideal proposto (a missão institucional) não chega a reproduzir-se na prática universitária:

A UCB oferece profissionais voltados para interesses próprios, que não se preocupam com o social, e de fato, estão a serviço do status quo. Sua atuação como instituição, efetivamente, ainda é bem restrita junto aos grupos pouco privilegiados financeiramente. A nível dos cursos, esta realidade é visível, entre outras coisas, pela distância entre os programas curriculares e a realidade local. Enfim, a UCB oferece muito pouco à sociedade, sua estrutura é muito boa e se oferece pouco.

O conjunto dos participantes do encontro, a nosso ver, reflete as ambigüidades – que sequer são privilégios da UCB – atuais do ensino superior em nossa sociedade, mesmo aquele que é oferecido por instituições públicas (como a UnB). No papel, quase sempre estão registradas boas intenções, protocolos, projetos e ideais, já na

prática, vive-se o espaço competitivo do mercado e sua lógica de exclusão da maioria. Cabe à instituição e a todos nós que nela estamos inseridos, viabilizar uma maior aproximação entre o real e o ideal, enfim, assumirmos que todos somos membros e construtores desta comunidade educativa que é a UCB.

Também encontramos em várias respostas uma reflexão sobre as atividades extensionistas desenvolvidas na UCB, pois existem vários projetos sociais desenvolvidos com a comunidade, são ações extencionistas, baseadas em preocupações éticas e no serviço aos menos favorecidos. Estas atividades beneficiam e contribuem para o crescimento de todos.

Algumas reflexões sobre as atividades de extensão apontaram para dois grandes apelos: a) evitar o paternalismo e formas de presença que acentuem dependência entre a comunidade e a instituição; b) ampliação do leque de atividades desenvolvidas e das parcerias com as comunidades, ONGs e o Estado.

Várias respostas reafirmaram posicionamentos já mencionados no resumo da questão nº 1, isto é, na UCB há um ensino de qualidade, comprometido com os princípios cristãos, sendo que o ambiente é produtivo e marcado por desejos nobres (éticos); os profissionais que aqui são formados são de boa qualidade; a UCB oferece à sociedade saber técnico e uma sensibilização para a construção de um mundo melhor (a partir dos valores cristãos).

Sintetizando, podemos afirmar que na visão dos que trabalham na UCB (na PROex), há uma compreensão de que a universidade desempenha de modo razoável sua atuação junto à sociedade. Entretanto, são inúmeros os problemas que ainda restam a ser respondidos, tendo em vista o reduzido número de iniciativas no campo da extensão (dado o volume de necessidade existente), uma formação técnico-profissional que em alguns casos está longe da realidade local, pouco conhecimento por parte da comunidade educativa do que efetivamente seja a missão da UCB.

Em uma das respostas a esta questão encontramos um ponto de vista que nos parece interessante como reflexão: a universidade é um espaço polêmico, meio incongruente, insatisfeito, na busca de uma definição

mais coerente com sua confessionalidade, para juntar uma formação profissional com a formação humana, social e, em menor grau, espiritual.

Desafios, possibilidades e sonhos

Neste artigo, procurei situar a UCB no contexto das universidades de inspiração cristã, apresentei os principais argumentos que justificam diante da Igreja Católica sua atuação no ensino superior, e fiz um breve histórico acerca do nascimento da universidade. De certo modo, os propósitos e ideais apontam para a construção de uma instituição aberta aos diversos tipos de saberes, tendente a uma estrutura democrática e atenta às transformações sócio-econômica-culturais de nosso tempo.

No cotidiano da UCB, penso que isto possa ser estendido à maioria das universidades católicas, a realidade reproduz as leituras possíveis do ideal proposto, e, com certeza, em diversos aspectos há muitas coisas que precisam ser feitas, há contradições que precisam ser sanadas. Conversando com colegas que trabalham na UCB há mais tempo, percebo em alguns um certo ar de espanto, tendo em vista o rápido crescimento da universidade, a ampliação de cursos oferecidos, do número de alunos e dos problemas a serem “gerenciados”, e o grau de complexidade que a vivência acadêmica traz.

Bianchetti, faz uma observação que me parece aplicável à UCB:

Nas instituições privadas, ainda, o ensino é o “forte”, é o primo rico. É do pagamento das mensalidades pelos alunos que advém a garantia de sua manutenção. Já a pesquisa é a prima pobre. É que não é possível ao docente fazer pesquisa com um turno na semana; não é possível fazer pesquisa nos intervalos das aulas... Além do mais, nestas instituições, junto ao elevado número de aulas, poucos professores são obrigados a assumir inúmeras e variadas funções não-docentes de ordem burocrática.¹⁷

Considero que em termos gerais a afirmação acima seja válida. Contudo, penso que diversas experiências desenvolvidas no âmbito das universidades católicas apontam para outras possibilidades. Algumas PUCs

(SP, RJ, RS e MG) são referência nacional em vários de seus cursos oferecidos, e suas contribuições têm sido inovadoras em termos de ensino, pesquisa e extensão. No Distrito Federal, desde a criação da UCB, houve uma política de ampliação de suas atividades, seja na abertura de novos cursos superiores, na formulação de atividades extensionistas, seja na criação de cursos de especialização, mestrado stricto sensu e lato sensu em diversas áreas. Esta universidade, sem dúvida, pelo seu crescimento vem obtendo um espaço diferenciado no campo do ensino superior no DF. Contudo, essa expansão está marcada por uma profunda ambigüidade: há pouca reflexão sobre a missão institucional e, em geral, uma mera adequação às “necessidades” geradas pelo mercado.

Numa leitura ampla sobre a Missão institucional da UCB, é fundamental superar uma perspectiva centrada na relação financeira e burocrático-administrativa. Se há um discurso sobre a centralidade do ser humano, e de ruptura com a exclusão social, é inadmissível que na mesma instituição ocorram lógicas distintas – dependendo do setor universitário a que nos dirijamos.

Neste sentido, é preciso retomar a inspiração cristã presente na proposta inicial da UBEC, atualizada na Missão Institucional, e dar passos na direção de uma democratização e de uma abertura ao diálogo entre todos os segmentos que convivem na instituição. A implementação de colegiados, fóruns, semanas universitárias, jornadas científicas, enfim, a institucionalização do “ouvir”, do “acolher” e do “partilhar” como instrumentos eficazes de construção da comunidade universitária, aponta para uma vivência fraterna e solidária entre todos os que participam da UCB e coloca-nos em sintonia com as origens desta universidade.

Outro ponto, também apresentado nas contribuições advindas da oficina, é a percepção da UCB como uma universidade que deve estar comprometida com a sociedade, notadamente com os mais pobres. A extensão não é uma via de mão única, nela trafegam a comunidade assistida, alunos, professores, agentes públicos e muitas vezes ONGs. Os oficineiros reconhecem a validade das

¹⁷ BIANCHETTI, Lucídio. Extensão universitária: na heterogeneidade das demandas, a questão popular. In: **Reflexão e Ação**, v. 5, nº2, julho/dezembro/1997. Santa Cruz do Sul. P. 36/7

ações efetuadas no presente, mas apontam para o número reduzido de iniciativas.

Ao analisar o lugar da extensão na universidade, Bianchetti afirma que:

... é a que mais se reveste de características de informalidade, sendo que a todo momento pode exigir o intercurso de profissionais de diferentes especialidades. Nesse aspecto a função de extensão, potencialmente, pode obrigar cada profissional a sair dos seus guetos e colocar seus saberes específicos a serviço da superação de determinada situação.¹⁸

Assim, é desafiador efetivar ações extensivas onde a interdisciplinaridade – e quem sabe um dia, a transdisciplinaridade ocorra como algo inerente às relações entre universidade e comunidade.

Na oficina realizada, constato a existência de pelo menos duas posições estruturalmente divergentes no que se refere à função da UCB frente ao mercado. Em vários depoimentos aparece a marca da eficiência, de uma formação que qualifica profissionais em perfeita sintonia com o mercado. Nessa perspectiva a universidade será melhor sempre que estiver pronta a prover o mercado em suas solicitações, independentemente de oferecer aos alunos quaisquer competências em outras áreas de sua vida. Esta forma de conceber o ensino universitário é basicamente utilitarista, e no dizer de Roca: “Trata-se de uma competência instrumental, formal, sem conteúdo, que, em vez de orientar-se para valores, se orienta para o domínio de instrumentos.”¹⁹

Na posição inversa, destaca-se a idéia de que a universidade deve ser uma instituição, que contribua efetivamente para o processo de humanização da sociedade. No âmbito de uma universidade católica, esta percepção torna-se um princípio norteador que deveria estar presente no ensino, na pesquisa e na extensão. Andrade expressa esta compreensão ao afirmar que:

Quando a utilidade se converte em medida da atividade humana, também se converte na medida da pessoa, na sua integridade e perdemos o sentido profundo do ser. Sua atividade em

outras dimensões torna-se “inútil” e perde “vigência” como realidade que interesse. Apenas parece ter valor o que serve. Isso implica que podemos chegar ao extremo – já se chegou a ele – de não entender a íntima e profunda dignidade do não produtor, do ancião, do minusválido, do enfermo...²⁰

As atividades de extensão desenvolvidas pela UCB, foram avaliadas na Oficina como de boa qualidade e voltadas para a população carente. Entretanto, houve observações sobre a necessidade de ampliar os processos extensionistas, envolver mais pessoas, assegurar que as comunidades em que a universidade atua, sejam parceiras e, portanto, sujeito que decide sobre o que efetivamente deve ser feito. Bem sabemos que parte importante dessas iniciativas não resultam em ganhos financeiros, mas é vital para a vivência da inspiração cristã que norteia a própria existência da UCB, a continuidade, e se possível, a ampliação das atividades de extensão junto às comunidades empobrecidas.

Considero que as duas posições esboçadas acima, podem criar a ilusão de que não existam outras possibilidades nesse debate. De fato, em diversas falas os participantes da Oficina manifestaram o desejo de construir uma alternativa que fosse integrada ao mercado, mas que ao mesmo tempo oferecesse elementos significativos de uma formação mais voltada para os valores e ideais inspirados no cristianismo.

Penso que aqui, seja preciso reafirmar que a inspiração cristã numa universidade católica, distancia-se da reprodução dogmática da Igreja Católica, e aproxima-se da radicalidade trazida pelo evangelho: o Reino de Deus se realiza na vivência do amor e serviço aos pobres. Na UCB o imperativo ético, não se restringe a ser pró ou contra o mercado, vai mais além, é uma exigência de capacitação da universidade na promoção de conhecimentos e ações que substancialmente contribuam para a defesa, sustentabilidade e organização da vida, notadamente dos mais empobrecidos. Um profissional aqui formado, bem como o corpo técnico-administrativo,

¹⁸ Idem. P. 43

¹⁹ ROCA, Joaquin García. **A educação cristã no terceiro milênio – o que é, como se faz.** P. 16.

²⁰ ANDRADE, Ciro E. Schmidt. Educar para a gratuidade. In: **Revista de Educação CEAP**, ano VII n° 27, Salvador, dezembro/1999. P.24.

professores e instituições parceiras da UCB devem sintonizar-se com estes princípios.

Em termos de proposta, a missão institucional da UCB contempla plenamente o ideário de uma universidade comprometida com processos de humanização. Entretanto, dialogando com alunos, professores e outros funcionários da instituição, constatamos que muito ainda precisa ser feito, isto é, ser efetivado no cotidiano dessa universidade. Penso que a dificuldade em verdadeiramente criar canais institucionais para o diálogo entre os diversos segmentos da UCB, bem como a permanente tensão existente entre regras formais – transcritas nos inúmeros notes, memorandos e ofícios em geral, e as regras informais, isto é, aquelas geradas a partir de relacionamentos pessoais, da mistura entre interesses públicos e privados, é parte das contradições vividas nesta universidade.

Aprofundando o debate sobre a democracia na universidade, Helfer afirma que a esta instituição:

... cabe um papel na busca da construção de um projeto social, um compromisso na definição de mecanismos que possibilitem a liberdade dos sujeitos cuja construção ocorre no cotidiano das relações sociais. Dessa forma, a instituição universitária apresenta uma responsabilidade para com a democracia, assumida na formação dos sujeitos, por meio de discursos e práticas orientados à participação, ao diálogo, à criação, à autonomia.²¹

Uma conclusão: Uni (di) versidade - inspiração cristã e responsabilidade social

A UCB é uma universidade jovem, em vários aspectos de sua organização interna, ainda reproduz estruturas que parecem mais compatíveis com uma escola de 1º e/ou 2º grau. Entretanto, isso não é o que efetivamente predomina na instituição, e a meu ver, a MISSÃO – formulada como ideário para toda a universidade, de algum modo já está produzindo frutos, apontando perspectivas e desafiando a estudantes, professores e demais funcionários a abrirem seus horizontes.

Ao participar da construção, divulgação e partilha dos saberes, a UCB torna-se um espaço complexo de interações sociais. Não somos uma ilha, a comunidade acadêmica: alunos, direção, professores e demais funcionários estão inseridos no contexto mais amplo que engloba o Distrito Federal e a Região Centro-Oeste do Brasil. Fazendo parte dessa realidade, como instituição, temos compromissos com a melhoria da qualidade de vida, a articulação de políticas públicas que privilegiem relações mais equilibradas entre os seres humanos e a própria natureza.

Na realidade plural em que vivemos, complexa e dialógica no que se refere aos saberes vivenciados nas várias instâncias da UCB, nas políticas de expansão da universidade e no cotidiano experienciado pela comunidade acadêmica fica evidente a diversidade, vista aqui como um valor, uma riqueza presente no contexto acadêmico. A catolicidade – retomando, a expressão grega *katolicos* significa exatamente universalidade – é inerente à identidade da UCB, mas só pode desenvolver-se plenamente quando a inspiração cristã é vivenciada institucionalmente a partir de uma perspectiva humanista, tolerante e atenta à sua missão institucional.

Extensão, portanto, não se restringe ao mero efetivar-se de algumas ações comunitárias nos bairros periféricos de Brasília. A dimensão extensionista de uma universidade ultrapassa o quantitativo de pessoas “atendidas” por programas e atividades desenvolvidas, ela deve expressar o serviço que uma instituição de ensino superior tem por obrigação ética realizar junto à sociedade. Nesse sentido, é maior ainda a responsabilidade social da UCB, tendo em vista a inspiração cristã expressa em sua missão institucional.

Tomamos aqui de empréstimo as palavras de Assmann e Mo Sung:

Doravante só será possível sonhar com uma sociedade onde caibam todos se também nossos modos de conhecer conduzirem a uma visão do mundo no qual caibam muitos mundos do conhecimento e do comportamento. A educação se confronta com essa apaixonante tarefa de formar seres humanos para os quais a criatividade, a ternura e a solidariedade sejam ao mesmo tempo desejo e necessidade.²²

²¹ HELFER, Carmen Lúcia de Lima. Extensão universitária: a leitura de uma prática na perspectiva do conhecimento compartilhado. In: *Reflexão e Ação*, v. 6, nº 1, janeiro/junho/1998. Santa Cruz do Sul. P.64

²² ASSMANN, Hugo e MO SUNG, Jung. *Competência e sensibilidade solidária – educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes. 2000. P. 297.

Referências Bibliográficas

ALVIN, Gustavo. **Autonomia universitária e confessionalidade**. 2. ed. UNIMEP. Piracicaba. 1995.

ANDRADE, Ciro E. Schmidt. Educar para a gratuidade. In: **Revista de Educação CEAP**, ano VII nº 27, Salvador, dezembro/1999.

ASSMANN, Hugo e MO SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade solidária – educar para a esperança**. Vozes. Petrópolis. 2000.

BIANCHETTI, Lucídio. Extensão universitária: na heterogeneidade das demandas, a questão popular. In: **Reflexão e Ação**, v. 5, nº2, julho/dezembro/1997. Santa Cruz do Sul.

CODINA, Gabriel. A Ratio Studiorum – quatrocentos anos (1599-1999) In: **Revista de Educação CEAP** ano VII nº 27. Salvador, dez/1999.

DEGASPERI, José Romualdo. **Universidade em Extensão**. Mimeo. 2001. UCB.

DPP – Diretoria de Programas e Ação e Reflexão Pastoral. **Universidade em Pastoral** – documento de fundamentação. Universa. Brasília. 2002.

HELPER, Carmen Lúcia de Lima. Extensão universitária: a leitura de uma prática na perspectiva do conhecimento compartilhado. In: **Reflexão e Ação**, v. 6, nº 1, janeiro/junho/1998. Santa Cruz do Sul.

JOÃO PAULO II. **Universidades Católicas**. 3. ed. Paulinas. São Paulo.

LAMPERT, Ernâni. A universidade e os novos paradigmas da ciência pós-moderna. In: **Revista de Educação Ciência e Cultura**. V. 5, nº 1. Canoas. Outono/2000.

RIBEIRO, Gil Barreto. Universidades católicas: história/identidade/realidade. In: **Fragmentos de Cultura**, v. 8, nº 2, março/abril/1988. Goiânia.

_____. RIBEIRO, Gil Barreto. A Igreja na história das universidades. In: **Fragmentos de Cultura**. V. 10, nº 1. Janeiro/fevereiro/2000. Goiânia.

ROCA, Joaquín García. **A educação cristã no terceiro milênio – o que é, como se faz**. Loyola. São Paulo. 1999.

UCB. **Plano estratégico 1999-2000**. Universa. Brasília.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. **A universidade medieval**. 2. ed. EDIPUCRS. Porto Alegre. 2000.

VVAA. **Referências da pastoral do IEP**. Piracicaba. UNIMEP. 1997.